

# **O Português Língua não Materna como Produto das Estruturas das L1 (Bantu)**

Rui Marcelino Matsimbe Cumbane  
(CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)  
rcumbane@macedo.ipiaget.org

## **Introdução**

Consideramos que o conhecimento das causas da produção dos enunciados que sumariamente iremos apresentar é importante quer para os professores de língua Portuguesa cujos alunos são provenientes dos PALOP, assim como outros alunos cuja língua materna pertence ao grupo Bantu (uma vez que grande parte destas línguas apresenta uma estrutura similar, sendo, por isso, os dados<sup>1</sup> *mutatis mutandis*, generalizáveis para línguas do mesmo grupo), quer para o aprofundamento do conhecimento que se tem das variedades do Português em África.

O termo Bantu designa uma família de línguas pertencente ao grupo Níger-Congo. Estas línguas são faladas desde o sul dos Camarões, na região sudeste da

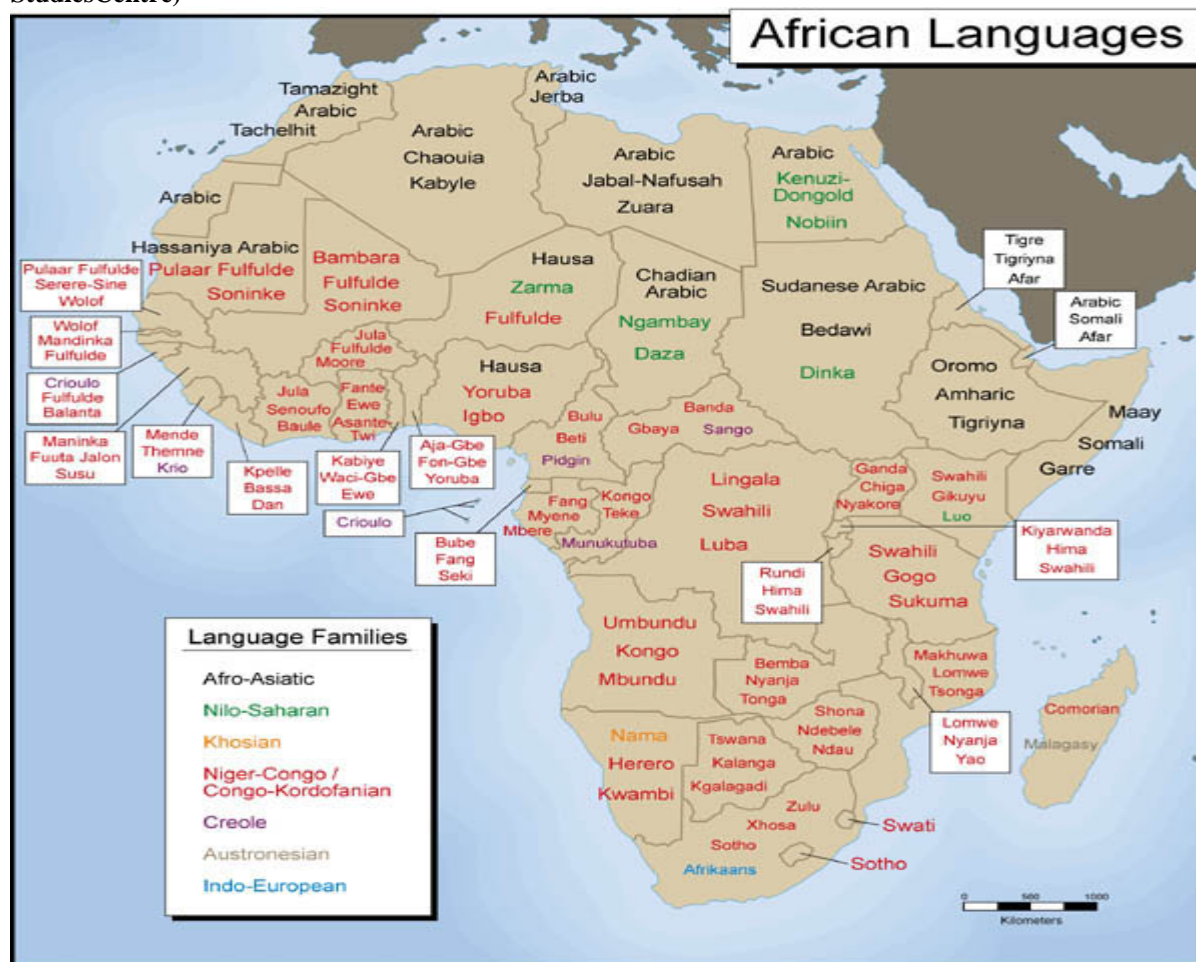
---

<sup>1</sup>

Na impossibilidade de exibirmos exemplos de todas as línguas Bantu, seleccionamos o Xitshwa, língua falada no sul de Moçambique que partilha uma pequena parte do vasto leque de características exibidas pelas línguas Bantu.

Nigéria perto da fronteira com os Camarões, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, Uganda, Quênia, Tanzânia, Angola, Zâmbia, Malawi, Moçambique, Zimbabué, Namíbia, Botswana, Suazilândia e África do Sul. Esta família linguística, como o demonstra o mapa abaixo, é a maior de todo o continente africano, com cerca de 310 milhões de falantes. O número total destas línguas é difícil de definir, havendo estimativas díspares que avançam números entre 300 - 600 (as menos optimistas) e as 1500 - 2000 (as mais optimistas). Vários estudos confirmam que o termo *Bantu* foi primeiramente usado por Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (1827-1875) e significa *pessoas*<sup>2</sup>, sendo que o singular é *ntu* e é usado em todas as línguas Bantu para significar *pessoa*.

**Principais línguas Bantu (a vermelho).** Fonte: MSU (Michigan State University – African StudiesCentre)



Em pleno século XXI poucas línguas Bantu apresentam gramáticas completamente sistematizadas. As soluções para colmatar este atraso inqualificável

<sup>2</sup> Daí o emprego da expressão *línguas bantas*, frequente nalguns estudos, poder parecer redundante.

encontram-se num estado embrionário. Os esforços para o ensino das línguas nacionais africanas esbarram em inúmeros obstáculos, sendo assim previsível que as línguas das ex-potências coloniais subsistam por muitos séculos como línguas de prestígio, contudo, parece certo que as variedades africanas se vão distanciando progressivamente das europeias. Historicamente, a colonização que durou 5 séculos afectou seriamente a evolução linguística, ao encetar, através de políticas de assimilação, um processo de marginalização sistemática das línguas autóctones, enfraquecendo-as na veiculação da cultura e da ciência e relegando-as para o plano familiar e cerimónias mágico-religiosas.

Como se depreende pelo mapa, o continente africano é constituído por estados pluri-étnicos e multilingues em que razões históricas determinaram que as línguas oficiais não fossem as línguas maternas da maioria dos africanos, mas sim as línguas das ex-potências coloniais, nomeadamente França, Inglaterra e Portugal. No caso vertente dos PALOP, a Língua Portuguesa é a *ponte* entre os diferentes *povos* que constituem os países. De facto, os dados mostram-nos países heterogéneos, constituídos por várias etnias e subsequentes subdivisões, todas com diferentes línguas, culturas, valores, tradições. Não obstante a administração colonial portuguesa preconizar a eliminação das tradições dos PALOP, dada a sua incapacidade em administrar a totalidade dos territórios, a transmissão do conhecimento de geração em geração por via oral decorreu uniformemente nas zonas rurais até que a sucessão de vários factores, nomeadamente, os conflitos bélicos, a inexistência de quadros habilitados para o ensino das línguas locais; as epidemias que ceifam quadros especializados, a fome e as calamidades naturais abriram profundas brechas na escala natural da vida, ceifando os detentores da *sabedoria* – os mais velhos – e outros estratos vulneráveis. Estes factores e as eternas e sensíveis questões de ordem sociolinguística e política tornam a tarefa do desenvolvimento e do ensino abrangente e sistemático das línguas nacionais Bantu, nas escolas africanas, um desígnio quase virtual.

## **Sintaxe**

A ordem linear comum nas línguas Bantu é SVO e exibem positivamente o parâmetro de sujeito nulo, i.e., quando apagado, o sujeito é recuperável através de um morfema que o controla a partir do verbo, equiparável à desinência de número dos

verbos do Português. Este morfema, em linguística Bantu, é designado prefixo verbal ou controlador de sujeito (CS), e encerra traços de número, género ontológico e classe nominal a que pertence o nome. Nos exemplos de (1a-b), ocorre, em posição pós-verbal, pela ausência de preposição a reger o objecto indirecto, unicamente a estrutura [V DP<sup>3</sup> DP] o que torna incongruentes as designações *objecto directo* e *objecto indirecto* que, para as línguas Bantu, convencionámos chamar *O1* e *O2*, respectivamente:

[Xitshwa]

(1a) Paulo (S) inyikele (V) amakabwe (O1) ambuti (O2).

Paulo ofereceu irmão (O1) cabrito (O2)

‘O Paulo ofereceu cabrito irmão.’<sup>4</sup>

(b) Paulo (S) inyikile (V) ambuti (O2) amakabwe (O1).

Paulo ofereceu cabrito (O2) irmão (O1)

‘O Paulo ofereceu cabrito irmão.’

Os enunciados acima exibem a ordem linear SVO, com dois objectos sucessivos pós-verbais. Estas construções de duplo objecto devem-se à *capacidade* de subcategorização de objectos por parte do verbo. O exemplo de (1a) é uma construção típica de duplo objecto em que o O1 é um argumento [+ humano] e O2 é um argumento [– humano]. No entanto, este tipo de construção não se satura neste exemplo. A construção de (1b) na qual a disposição daqueles argumentos ocorre revertida também é possível. Em ambos os contextos brevemente descritos, a semântica de ambas as variantes é a mesma.

Esquemáticamente, essas construções, na voz activa, apresentam as seguintes variações estruturais: [DP0<sup>5</sup> V<sup>-0/APL/CAUS</sup>6... DP1 DP2] e [DP0 V<sup>-0/APL/CAUS</sup>... DP2 DP1]. As concomitantes estruturas passivas apresentam as seguintes estruturas [S (DP1 = OD) V<sup>-Pass</sup> DP2 PP (SUJ)]/\*[S(DP2 = OI) V<sup>-Pass</sup> DP1 PP (SUJ)]. Estas variáveis sintácticas

<sup>3</sup> O mesmo que SN, Grupo Nominal.

<sup>4</sup> Os artigos não ocorrem nas línguas Bantu.

<sup>5</sup> DP0, o mesmo que Sujeito.

<sup>6</sup> Extensões verbais que potenciam construções não marcadas (0), applicativas, causativas, etc.

associam-se aos factores eminentemente semânticos que caracterizam os objectos 1 e 2, nomeadamente, o facto de serem ou não [+ humano], [+ animado] ou [- animado]<sup>7</sup>.

Assumimos igualmente que a ocorrência de um morfema aplicativo (APL) [-il/-elil/-elel-]<sup>8</sup> no interior dos verbos ditransitivos das línguas Bantu potencia a selecção de estruturas de duplo objecto através do aumento da valência do verbo<sup>9</sup>. No entanto, uma estrutura desse tipo é passível de ocorrer em determinadas condições com um *morfema zero*.

Relativamente à atribuição de Caso aos DPs em enunciados activos, como tradição em Linguística Bantu, adoptamos a proposta de Baker (1988b). Nas frases activas das línguas simétricas<sup>10</sup> (independentemente da ordem dos objectos), o verbo atribui Caso estrutural a ambos os seus argumentos internos (objecto directo e objecto indirecto).

De uma maneira geral, na construção passiva das línguas Bantu, o verbo retém a capacidade de atribuir Caso estrutural a ambos os objectos, sendo que o morfema passivo pode absorver um dos Casos. Assim, o morfema passivo absorve o Caso que seria atribuído ao DP deslocado para a posição de sujeito passivo, desse modo, esse DP não recebe nenhum Caso na posição pós-verbal e é forçado a mover-se para a posição de sujeito para adquirir Caso nominativo. O segundo DP, caso seja [+humano/animado], é marcado pelo Caso estrutural dativo pelo verbo passivo como se estivesse numa construção activa em que o verbo atribui Caso dativo. Se este DP for [-animado], então, é marcado pelo Caso acusativo.

O facto de esta língua pertencer ao grupo das línguas Bantu simétricas<sup>11</sup>, sem constrangimentos à ocorrência das estruturas referidas acima, é a razão, entre outras, que se aponta para a alternância dos objectos e também para a produção de frases

---

<sup>7</sup> Dado carácter divulgativo deste artigo reduzimos as hipóteses de combinação dos objectos às frases em que o objecto directo é [-animado] e o indirecto é [+animado].

<sup>8</sup> Este morfema varia fonologicamente de língua para língua.

<sup>9</sup> No entanto, fica do mesmo modo assente que uma estrutura de duplo objecto é passível de ocorrer em determinadas determinadas línguas com um *morfema zero*.

<sup>10</sup>

<sup>11</sup> Em oposição às línguas assimétricas, que não permitem as operações mencionadas ao longo deste texto. O Português comporta-se como uma língua assimétrica. Em princípio, os falantes das línguas Bantu assimétricas apresentam menos desvios na aprendizagem do Português, dada a parecença de estruturas sintácticas.

passivas que admitem a deslocação para a posição de sujeito de ambos os argumentos internos do verbo. A construção de duplo objecto é estruturalmente semelhante a de *dative shift* que ocorre com alguns tipos de verbos do Inglês (em Xitshwa e na maioria das línguas Bantu ocorre com todos os verbos ditransitivos).

## Matéria

A associação das estruturas sintácticas aos factores semânticos já referidos origina uma profusão de enunciados complexos, alguns de difícil computação que, por sua vez são transferidos para o Português língua não materna/materna<sup>12</sup>, na maioria dos casos, por falantes com baixa instrução e por consequência, sem conhecimentos sólidos do Português padrão, grupo a que corresponde a grande maioria dos africanos residentes nos *ghettos* das grandes cidades portuguesas. Seja como for, existe um segmento de falantes, grosso modo, com elevada instrução ou simplesmente bem formados e integrados, que a par de um bom desempenho na sua língua materna Bantu, igualmente dominam o Português padrão. Factores sociolinguísticos, como, por exemplo, o facto de os falantes cultos, em alguns contextos, serem obrigados a *errar* para serem entendidos, podem explicar o decalque das estruturas das línguas maternas sobre o Português e o uso simultâneo das variedades do *Português africano* e do Português padrão. A outra possibilidade pode ter a ver apenas com a pura oscilação entre as duas possibilidades estruturais em co-habitação na marginal comunidade linguística.

Abstraindo de aspectos igualmente relevantes como a rica fonologia destas línguas, damos brevemente a conhecer estruturas produtivas a nível frásico, bem como uma vista geral das consequências derivadas do seu uso em situações de comunicação pelos falantes das línguas Bantu. Assim, estas línguas, em princípio, apresentarão as seguintes ordens argumentais básicas:

[DP0-Suj + V + DP1 (Objecto indirecto) + DP2 (Objecto directo) + Oblíquo(s)]
--

[DP0-Suj + V + DP2 (Objecto directo) + DP1 (Objecto indirecto) + Oblíquo(s)]
--

---

<sup>12</sup> Partimos do princípio de que o Português designado *língua materna* dos PALOP apresenta um conjunto de características que o diferenciam da variedade europeia padrão.

As estruturas acima captam a configuração sintáctica das frases básicas das línguas Bantu, maioritariamente SVO. Estas línguas podem ser classificadas em simétricas ou assimétricas consoante as características que resumidamente apresentamos:

(i) admitem alternância de posições entre os objectos, como se em Português fosse gramaticalmente correcto produzir as frases de (2) e (3)<sup>13</sup>:

(2a) João irhumele Maria papilo.

**[Tradução literal]**

(b) \*O João enviou Maria uma carta.

e

(3a) João irhumele papilo Maria.

**[Tradução literal]**

(b) \*O João enviou carta Maria.

(ii) admitem a deslocação de ambos os objectos para a posição de sujeito passivo:

(4a) Maria irhumelwe papilo hi João.

**[Tradução literal]**

(b) \*Maria foi enviada carta pelo João

(5a) Papilo girhumelelwe Maria hi João.

**[Tradução literal]**

(b) \*Carta foi enviada Maria pelo João.

---

<sup>13</sup> Cf. construções do Inglês:  
(1) *John sent a letter to Mary.*  
(2) *John sent Mary a letter*  
(3) *\*John sent a letter Mary.*

A estrutura de duplo objecto acarreta problemas sérios quando os falantes cuja primeira língua é Bantu, falam o Português como segunda língua. Estes falantes, ao sobrepor a estrutura sintáctica da sua língua materna sobre o Português (língua segunda) produzem enunciados atípicos (2b), (3b), (4b) e (5b) na óptica da sintaxe do Português padrão. Em termos gerais, essa *estranhesa* originada, por um lado, pelo apagamento da preposição – inexistente em parte considerável dessas línguas nessa estrutura argumental<sup>14</sup> - mas obrigatória nas estruturas do Português e, por outro, pela livre alternância dos objectos no interior dessa mesma estrutura.

Esta construção deve-se à ausência de preposição a reger o chamado objecto indirecto<sup>15</sup> que, de acordo com a nomenclatura da Linguística Bantu, será designado sintacticamente como objecto 1<sup>16</sup> (O1) e, semântica e lexicalmente, como Beneficiário o que provoca modificação nos mecanismos de atribuição de *Caso* e adjacência dos objectos no verbo<sup>17</sup>.

Em Português, os verbos ditransitivos como *dar*, seleccionam apenas a estrutura ditransitiva com objecto indirecto preposicionado.

Ex:

(6) O João ofereceu uma bola ao primo.

Esta estrutura e a de duplo objecto são sintactica e semanticamente diferentes, Larson (1988), Bresnan (2001), entre outros. A maioria das línguas Bantu apresenta unicamente uma única estrutura na qual tanto o Beneficiário<sup>18</sup> como o Tema/ Paciente são marcados pelo *Caso* acusativo sem a preposição que em Português introduz o objecto indirecto. Quanto a questões de interpretação das estruturas argumentais

---

<sup>14</sup> *Estrutura argumental* designa a relação de correspondência que se estabelece entre os argumentos seleccionados por um predicator e a posição que ocupam na estrutura sintáctica.

<sup>15</sup> De acordo com Mateus et al. (1987:165) o objecto indirecto representa a “relação gramatical do argumento interno de verbos de dois ou três lugares que tem, tipicamente, a função semântica de Recipiente ou Origem. Nas frases básicas, o objecto indirecto é constituinte imediato de um SP que é nó-irmão à direita do constituinte com a relação gramatical de objecto directo ou do verbo”.

<sup>16</sup> Assim denominado por ser o que é privilegiado na adjacência ao verbo ditransitivo.

<sup>17</sup> De acordo com Moskey (1979:63) os verbos benefactivos são aqueles que estão relacionados com “ganho, perda ou transferência de propriedade” [material ou imaterial] e que seleccionam um “Caso Beneficiário referente à pessoa [+ animado] que possui ou perde algo”. Pertencem a este grupo os verbos estativos como *pertencer*; os processuais como *ganhar* e os accionais como *dar*, estando excluídos os verbos como *dar* ou *agradar* uma vez que seleccionam um Experienciador.

<sup>18</sup> Os objectos indirectos são usualmente Alvo/ Destinatário, confundindo-se, por vezes, com o Beneficiário.

i. Ele comprou um livro ao Pedro. (Alvo/Destinatário)

ii. Ele comprou um livro para o Pedro. (Beneficiário)



frequentes, em que um dos objectos é [+animado] e o outro é [-animado], entende-se que o primeiro é sempre Beneficiário (objecto indirecto) e o segundo é o Tema/Paciente (objecto directo) (7a-b). Nos enunciados pouco frequentes, em que o grau de animacidade dos objectos emparelha, o objecto adjacente ao verbo é considerado Beneficiário (objecto indirecto), sendo o restante, o objecto directo:

$$[\text{DP0} + \text{V} + \text{DP1-BEN} + \text{DP2-TEMA} + (\text{OBL}^{\text{fac}})] = \text{F}$$

(7a) Paulo i-nyik-el-e (V) amakabwe (O1) ambuti (O2).

Paulo CS-dar-APL-VF irmão (O1) cabrito (O2)

‘O Paulo ofereceu cabrito irmão.’

$$[\text{DP0} + \text{V} + \text{DP2-TEMA} + \text{DP1-BEN} + (\text{OBL}^{\text{fac}})] = \text{F}$$

(7b) Paulo i-nyik-el-e (V) ambuti (O2) amakabwe (O1).

Paulo CS-dar-APL-VF cabrito (O2) irmão (O1)

‘O Paulo ofereceu cabrito irmão.’

Neste contexto, uma das grandes diferenças entre o Xitshwa (e generalidade das línguas Bantu simétricas) e o Português Europeu consiste no facto de a primeira língua, em enunciados ditransitivos, admitir a configuração [DP0 + V + DP1 + DP2], estrutura impossível em Português Europeu, pois seria equivalente a frases do tipo das que se seguem:

$$[\text{DP0} + \text{V} + \text{DP1} [- \text{HUM}] + \text{DP2} [+ \text{HUM}]]$$

(8a) \**O João ofereceu lápis irmão.*

‘João i-nyik-el-e lapi makabze.’

João CS-dar-APL-PAS/VF

ou

$$*[\text{DP0} + \text{V} + \text{DP1} [+ \text{HUM}] + \text{DP2} [- \text{HUM}]]$$

(b) \**O João ofereceu irmão lápis.*

‘João i-nyik-il-e makabze lapi.’

João CS-dar-APL-VF irmão lápis

Na sequência do que foi apresentado, nenhuma das configurações hipotéticas que se seguem exibe uma estrutura de duplo objecto em Português Europeu padrão: [DP0 + V + DP *a*-DP], [DP0 + V + DP *por*-DP] e [DP0 + V + DP *Frase completa*].

Em relação à construção passiva, as estruturas das línguas Bantu (neste caso o Xitshwa) repercutem-se na expressão dos falantes quando usam o Português como língua não materna o que leva à produção de enunciados passivos *estranhos* ao Português padrão:

**[Activa]**

(9a) ‘João i-nyik-el-e makabze lapi.’

João CS-dar-APL-VF irmão lápis

\*O João ofereceu irmão lápis.

**[Passiva]**

(b) ‘Makabze i-nyik-el-w-e lapi hi João.’

Irmão CS-dar-APL-PASS-VF lápis por João

\*O irmão foi oferecido lápis pelo João.

**[Activa]**

(10a) ‘João i-nyik-el-e lapi makabze.’

João CS-dar-APL-VF lápis irmão

\*O João ofereceu lápis irmão.

**[Passiva]**

(b) ‘Amugondzi i-nyik-il-w-e buku hi mugondzisi.’

Professor CS-dar-APL-PASS-VF livro por professor

\*O aluno foi dado um livro pelo professor.

**[Activa]**

(11a) A mãe telefonou [a um médico]OI.

**[Passiva]**

(b) \*Um médico foi telefonado (pela mãe).

Em (9b), (10b), (11a) e (11b) os constituintes *o João*, *o aluno*, *a mãe* e *um médico* que, na construção activa desempenham a função gramatical de objecto indirecto, ocupam na passiva a posição de Sujeito originando a sua agramaticalidade. Partilham, portanto, a mesma propriedade estrutural – deslocação do DP-objecto indirecto para a posição de Sujeito. Uma vez que devido à morfologia passiva o verbo deixa de atribuir Caso acusativo, admitir-se-ia que a agramaticalidade de (9b) e (10b) se deve ao facto de os DPs-objecto directo, *lápiz* e *um livro*, não poderem receber *Caso estrutural do verbo*. No entanto, em (11b) com o verbo intransitivo *telefonar*, não se pode invocar o mesmo argumento visto que não existe neste enunciado nenhum DP que deixe de receber Caso acusativo por causa da morfologia passiva. A inexistência do *movimento dativo* nas construções de duplo objecto e na construção passiva é consequência de requisitos específicos que regulam a atribuição de Caso ao DP-objecto indirecto, e pode igualmente derivar das propriedades dos verbos e das preposições como *atribuidores* de Caso, cf. Gonçalves (1990).

Uma das soluções que propomos neste trabalho passaria, segundo o nosso ponto de vista, pela definição de políticas linguísticas consequentes; pela inserção nos manuais dos professores de Português de secções dedicadas às estruturas básicas das línguas Bantu e suas repercussões sobre o Português língua não materna, bem como de secções dedicadas à influência da língua não materna (Português) sobre a L1 (Bantu); pelo incremento dos estudos sobre a influência mútua que as estruturas exercem e pela criação de um centro especializado em Linguística Bantu em Portugal, facto que é tradição nalguns países europeus.

### **Repercussões no Português língua não materna**

Relativamente ao Português Europeu, trata-se de uma língua que, como já o referimos, não é uma língua de duplo objecto. Muitas línguas românicas comportam-se como o Português relativamente a este aspecto:

(12a) O Pedro ofereceu um jantar ao amigo.

(b) O Pedro ofereceu ao amigo um jantar.

(c) \*O Pedro ofereceu um jantar amigo.

(d) \*O Pedro ofereceu amigo jantar.

(e) \*O Pedro ofereceu jantar amigo.

Em Português, o Beneficiário tem de ser obrigatoriamente marcado pela preposição *a*. A ordem linear confirma os factos, o argumento Tema aparece adjacente ao verbo, imediatamente antes do argumento Beneficiário. Como visto, apesar desta uniformidade no comportamento dos objectos, casos em que a ordem é inversa são possíveis (12b). Portanto, em Português, o Beneficiário pode preceder o Tema, assim como o Tema pode preceder ao Beneficiário, desde que em ambos os casos o Beneficiário seja regido pela preposição *a*. Note-se, no entanto, que os enunciados onde forçámos uma construção de duplo objecto resultaram agramaticais (12c, d, e). As línguas românicas como o Italiano e o Francês também se comportam da mesma forma

Tendo em vista o estudo das repercussões da estrutura de duplo objecto das línguas Bantu em geral e do Xitshwa, em particular, no Português quando falado como língua não materna, baseamo-nos no pressuposto lançado por Gonçalves (1998), quando sugere que identifica uma mudança paramétrica no sistema de marcação casual do Português Europeu, com múltiplos efeitos sobre a sintaxe e sobre o léxico desta língua. Considera que caso tal mudança não tivesse ocorrido, não seriam possíveis, ou seriam menos prováveis, as modificações das propriedades lexicais de verbos do Português Europeu que seleccionam complementos directos e indirectos, etc. Tomando em linha de conta este raciocínio, propõe-se como cruciais para o comportamento *anómalo* das estruturas que envolvem verbos ditransitivos do Português língua não materna, três alterações paramétricas importantes às quais os professores de Português devem prestar particular atenção:

- i. inexistência de preposição [a] a reger o objecto indirecto em Xitshwa (e línguas Bantu similares) e consequente apagamento dessa categoria no Português língua não materna provocando uma mudança sintáctica nesta segunda língua;

- ii. *sobrevalorização* do factor [+ humano/+ animado] na aparente *forte* adjacência do objecto a V, fenómeno semântico que se transforma em sintáctico quando transposto para o Português língua não materna;
- iii. uso indiscriminado pelo mesmo falante, quer da norma padrão do português, quer da variedade do Português africano, estando subjacente a este procedimento o que Nemser (1974:55) citado em Gonçalves (1998) designa “sistema aproximativo”, que é o sistema linguístico desviante empregue pelo aprendente ao tentar apropriar-se da língua-alvo. Este sistema varia em função do nível de proficiência do aprendente, da sua experiência de aprendizagem, a função de comunicação, características pessoais, bem como as suas motivações, o grau de parecenças entre as línguas em causa, tipos de exposição à língua disponíveis, etc., cf. Towell & Hawkins (1994:246). A este respeito, Slobin (1977:198) sustenta que em situações de bilinguismo/multilinguismo, dada a impossibilidade de manter sistemas linguísticos diferentes em coabitação, os falantes procuram uma convergência gramatical entre as línguas em questão. Segundo Gonçalves (1998:25), este contexto multilingue ocorre, por exemplo, em Moçambique, pelo facto de existirem situações em que os falantes utilizam duas ou mais línguas Bantu para comunicar. Lakshmanan (1994:10) refere que os aprendentes de uma L2 podem estar expostos a enunciados agramaticais dos seus companheiros, sendo que esses enunciados agramaticais podem também caracterizar o discurso dos falantes nativos da L2, sobretudo quando por razões de comunicação *fácil* com o aprendente da L2 os nativos são obrigados a *errar*.

Estes factos levam a que os falantes que dispõem de fracos recursos linguísticos do Português sobreponham as estruturas da L1 sobre a L2, gerando importantes problemas sintácticos, já discutidos.

A questão da ausência de construções de duplo objecto em Português Europeu, também já explorada anteriormente, parece relevar do facto de a preposição fornecer informação semântica relevante, i.e., indispensável para a semântica do enunciado. Porém, Larson (1988) apresenta outra explicação, de acordo com a qual, o facto de línguas como o Português não admitirem o apagamento da preposição (em oposição ao

Inglês), explica-se pelo facto de a preposição do Inglês atribuir Caso objectivo, o que permite que seja apagada e reanalisada com o verbo, que atribui Caso objectivo.

Tomando como exemplo a frase que repetimos como (13), verificámos que os falantes do Xitshwa que têm o Português como língua não materna vão transpor a estrutura da sua língua materna para a segunda, privilegiando, por um lado, em frases básicas, a adjacência do argumento O1 ao verbo (13b), construindo estruturas *quase-próximas* do Português Europeu, mas sem preposição a reger O1 (13c); e por outro, construindo estruturas coincidentes com as do Português Europeu (13d). Na construção passiva, sem descurar a passiva do Português Europeu (13e), os falantes em causa preferem a passiva dativa (13f):

(13a) João inyikile (V) Maria (OI [+humano]) male (OD[-humano]).

João ofereceu Maria dinheiro

‘O João ofereceu dinheiro (à) Maria.’

(b) O João ofereceu Maria dinheiro.

(c) O João ofereceu dinheiro Maria.

(d) O João ofereceu dinheiro à Maria.

(e) O dinheiro foi oferecido à Maria pelo João.

(f) A Maria foi oferecida dinheiro pelo João.

## Conclusão

Estão em curso mudanças profundas em curso no Português língua não materna. Essas alterações desencadeiam um feixe de múltiplos efeitos de superfície excluídos pela norma padrão do Português Europeu, sendo importante que os professores de Português estejam vigilantes quer para a identificação das estruturas da L1, quer para a sua *correção construtiva*, dando a conhecer ao aluno as diferenças marcantes entre as estruturas da L1 e as estruturas da língua não materna.

As nossas conclusões confirmam e tornam actual a constatação de Gonçalves (1998:1) quando afirma que “a interacção do Português com línguas de tipo muito distinto, as línguas Bantu, contribui fortemente para o desencadeamento quer de fenómenos de flutuação entre diversas opções gramaticais, quer mesmo de casos de mudança linguística, em que certas formas tendem a prevalecer sobre outras com as quais competem e alternam.”

O estudo destes e de outros *problemas*, além de contribuir para o conhecimento cada vez mais aprofundado das línguas Bantu, melhora o conhecimento que se tem do Português Europeu e abre caminho para a criação de instrumentos pedagógicos adequados quer para o ensino das línguas Bantu como Língua materna, quer para o ensino do Português como L2/Língua não materna a estes falantes.

## BIBLIOGRAFIA

- Alsina, A. (1994) "*Bantu multiple objects: analyses and fallacies*", NUS, in *Linguistic Analysis*, Vol. 24, N°s 3-4.
- Alsina, A. (1996) "*Passive types and the theory of object asymmetries*", in *Natural Language & Linguistic Theory*, Vol. 14, N° 4.
- Baker, M. (1988) *Incorporation: a theory of grammatical function changing*, University of Chicago Press.
- Benson, C. (1997). *Relatório final sobre o ensino bilingue: resultados da avaliação externa da experiência de escolaridade bilingue em Moçambique (PEBIMO)*, Maputo, INDE.
- Bhebe, N. (ed) (2002) *Oral tradition in southern africa*, Gamsberg Macmillan, Namibia, UNESCO.
- Bleek, W. (1862), *A comparative grammar of South African languages*, London, Trüner (Reprinted 1971, London, Gregg International Publisher).
- Bresnan, J. e Lioba Moshi (1990) *Object asymmetries in comparative Bantu syntax*, in *Linguistic Inquiry*, Vol. 21: 147-187.
- Chimbutane, F. (1995) *A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas restritivas de objecto directo e de obliquo do Português de Moçambique*, DL, UEM, Faculdade de Letras, Maputo.
- Cumbane, R (2000) *A construção passiva em Xitshwa*, DM, FLL, Lisboa
- Cumbane, R. M. M. (2002) *A construção passiva em Xitshwa: sua influência em falantes do Português (L2)*, in *Cadernos Interdisciplinares 36*, IP, Viseu.
- Cumbane, R. M. M. (2002) *As construções de DO em Xitshwa: sua influência em falantes do Português (L2)*, in *Actas da APL*, Porto.
- Cumbane, R. M. M. (2005) "*Mozambique: language situation*", in *ELSEVIER, Encyclopedia of Language & Linguistics*, 2.nd Ed., Oxford: Elsevier, 14-vol.SET, 1-14.

- Demuth, K. (2000), “*Bantu noun class systems: loan word acquisition evidence of semantic productivity*”, in G. Senft (ed.) *Classification Systems*, Cambridge University Press. Pp. 270-292.
- Diniz, M. J. (1986) *Análise de erros na frase relativa*, DL, UEM, Maputo.
- Duarte, I. (2000) *Língua Portuguesa: instrumentos de análise* (com a colaboração de M. J. Freitas), Lisboa, Universidade Aberta.
- Faria, I. H., Emília R. Pedro, Inês Duarte & Carlos Gouveia, (orgs.) (1996) *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Firmino, G. (1991) *Double objects in Gitonga*, University of California, Berkeley.
- Firmino, G. & I. Machungo (1994) *Proposta de política linguística de Moçambique* (proposta de trabalho), Maputo, Universidade Eduardo Mondlane.
- Gonçalves, M. (1996a) *Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique*, in Faria, I. et tal. (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, 313-322, Lisboa, Caminho.
- Gonçalves, M. (1990) *A construção de uma gramática de Português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*, DD, FLUL.
- Gonçalves, M. (org) (1998) *Mudanças do Português de Moçambique*, Livraria Universitária, UEM.
- Guthrie, M. (1971) *Comparative Bantu*, vol 2, Gregg Press, London.
- Harford, C. (1991) *Object asymmetries in Kitharaka*, in *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: Special Session on African Language Structures*, 98-105.
- Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (1997) *Relatório de debate sobre estratégias de introdução e expansão do ensino em línguas moçambicanas*, Maputo, INDE.
- Katupha, J. (1985a) “*O panorama linguístico de Moçambique e a contribuição da linguística na definição de uma política apropriada*” in *Actas da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL.
- Larson, R. (1990) “*Double object revisited: reply to Jackendoff*”, in *Linguistic Inquiry*, 21(4):589-632.
- Lopes, A. (1994) “*Language policy in Mozambique: a taboo?*”. Paper presented at the 1<sup>st</sup> World Congress of African Linguistics, 18-22 July. Swaziland.
- Machobane, 'M. (1990) *Object asymmetries in the Sesotho applicative and causative constructions*. Seminar presentation, CSLI; Stanford University.
- Maho, J. (2001) *The Bantu area*, in *Africa & Asia*, 1, 40-49.
- Marantz, A. (1993) “*Implications of asymmetries in double object constructions*”, in Mchombo (ed.), *Theoretical aspects of Bantu grammar*, 113-150.
- Marinis, H. (1981) *Línguas Bantu: sua história e classificação*, Maputo, NELIMO.
- Marten, L., Nancy Kula & Nhlanhla Thwala (2004) *Parameters and morpho-syntactic variation in Bantu – Bantu grammar: description and theory*, London Meeting.
- Mateus, M. H., A. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- Matsinhe, S. (1994) *The status of verbal affixes in Bantu languages with special reference to Tsonga: problems and possibilities*, in *South African Journal of African Languages* 14:163-176.



- Nakamura, M. (1997) "Object extraction in Bantu applicatives: some implications for minimalism", in *Linguistic Inquiry* 28, 252-280.
- Nash, J. (1992) *Aspects of Ruwund grammar*, DD, University of Illinois at Urbana-Champaign.
- Nemser, W. (1974) 'Approximative systems of foreign language learners', in Richards, J. (Ed.) *Error analysis: Perspectives on Second Language Acquisition*, 55-63, Essex, Longman.
- Ngunga, A. S. A. (1991) "As línguas moçambicanas nos meios de comunicação social", Paper presented at the Seminário sobre Comunicação Social e Desenvolvimento, Maputo, 5-8 February.
- Paixão, B. (1984). *Educação política e política educacional*. Lisboa, Atica, SARL.
- Pereira, E. C. (1991) *Descrição e análise de erros da frase relativa produzidos por estudantes falantes de Portugues LI*, DL, UEM, Faculdade de Letras.
- Persson, J. A. (1932) *Outlines of Tswa grammar*, Central Mission Press, Cleveland.
- Rugemalira, J. (1993) "Bantu Multiple "Object" Constructions", UC, in *Linguistics Analysis*, Vol 23, Nºs 3-4.
- Sitoi, B., Armindo Ngunga (ed) (2000). *Relatório do II seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas*. Maputo: NELIMO/ Universidade Eduardo Mondlane.
- Suzman, S. (1991) *Language acquisition in Zulu*. Ph.D. dissertation, University of the Witwatersrand.
- Thornton, C. & Stremel, K. (1974) *On the preferred form of the double object construction*, in *Journal of Psycholinguistic Research*, 3, 271-279.
- Towell, R.; R. Hawkins (1994) *Approaches to Second Language Acquisition*, Clevedon, Multilingual Matters.
- Tuzine, A. (1996) *Aplicação do conceito de rede social ("social network") na análise de fenómenos de variação linguística no Português oral de Maputo: o caso da oração subordinada relativa*, DL, Universidade Pedagógica, Faculdade de Línguas, Maputo.
- Yai, O. B. (1983) *Elements of a policy for the promotion of national languages in Mozambique*. Paris: UNESCO.
- Welmers, W. (1973) *African languages structures*, University of California Press, Berkeley.
- Woolford, E. (1993) *Symmetric and asymmetric passives*, in *Natural Language and Linguistic Theory* 11:679-728, University of Massachusetts.